

POVO E FILOSOFIA: UM ENCONTRO NECESSÁRIO

ZORDAN, Paola. – UFRGS – paola.zordan@gmail.com

GT: Filosofia da Educação/ n. 17

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Pop'filosofia:¹ filosofia do povo, popular. Mas o quanto não podemos nos surpreender ao descobrir que, após quase dois séculos do que pode se chamar cultura popular imperial,² um dos mais ilustres dicionários brasileiros da Língua Portuguesa designe o adjetivo popular como (1) relativo “ao povo, especialmente gente comum” ou (2) “feito pelas pessoas simples, sem instrução”.³ Palavras que definem um “popular” da plebe, aquilo que é da ralé, do rebanho humano, dos burros de carga “sem instrução”. Pop'filosofia: filosofia para o gado, para os camelos. Nada mais anti-nietzschiano que isto, nada mais cristão, nada mais dogmático. Seria quase como dizer “filosofia para escravos” ou “filosofia da servidão”. Somente na terceira designação do *Houaiss* é que encontra-se a definição de que popular é (3) “relativo às pessoas como um todo”.

Então, pode-se chegar à definição de pop'filosofia traçada por Gilles Deleuze: filosofia para todo o tipo de pessoas, filosofia para não-filósofos. Mas logo a definição de verbete obriga novamente a se sair do plano deleuziano. Esse “todo” de pessoas do popular não é o devir impessoal, não-filosófico, que Deleuze seguia, pois é relativo (3) “especialmente aos cidadãos de um país qualificados para participar de uma eleição <voto popular>”. Popular é então, a turba dos eleitores, aqueles que, por meio do voto “popular”, escolhem seus governantes. Que popular é esse que, além de designar a escória humana, se estratifica em processos de alienação e cai nas linhas molares dos aparelhos de Estado, ávidos por votos?

Numa redundante simplificação lexical, a fórmula é a seguinte: popular=pop. Em sua análise da *Pop'philosophie* deleuziana, Charles Feitosa discerne dois tipos de pop. O primeiro, “Pop I”, marginal, alternativo e específico, advém das vanguardas artísticas da *pop-art*; enquanto que o “Pop II”, comercial, industrial e genérico, contempla o uso corrente do adjetivo, tomado como “comercial, superficial e fácil”.⁴ Termo usado para certos tipos de

¹ DELEUZE e PARNET. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998, p. 12.

² Império é o termo que Antônio Negri e Michael Hardt utilizam em seus estudos sobre as configurações do que Deleuze chamou “sociedade de controle”. Considerando que a unidade imperial é dada pela polifonia de uma multidão consumidora que alimenta o mercado, o que chamo “cultura popular imperial” (de algum modo similar à “cultura de massas” dos frankfurtianos) emerge com a Revolução Industrial, em torno de 1840-1850, no auge da decadência romântica. Cf. DELEUZE. **Conversações** e HARDT; NEGRI. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

³ HOUAISS e VILLAR. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2261.

⁴ FEITOSA. O que é isto – filosofia *Pop*? In: LINS. (Org.). **Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001, p. 95.

música que tocam nas rádios de grandes audiências, o pop é o que faz sucesso na mídia e possui um grande alcance de público. Nessa acepção, pop são as “massas” concebidas junto à Teoria Crítica, definindo uma multidão imprecisa de consumidores que movem a força de produção capitalista na indústria cultural. Massa é um termo que diz respeito a volumes homogêneos e acumulação, palavra bastante eficiente para sustentar um conceito básico no que tange a pensar a explosão demográfica, a qual sucede à implementação do bio-poder.⁵ Filha dos interesses do capital, a cultura de massas é concebida como uma cultura inferior, baixa, de pouco valor, barata, *kitsch*. Ao se pressupor que as massas decorrem de um processo de homogeneização, que afirma a hegemonia de valores dominantes (do homem europeu, branco, cristão, de saber enciclopédico), temos uma maioria definida quantitativamente, representante de um padrão.⁶ Embora seja relativamente fácil identificar padrões massificados, identidades majoritárias, é difícil dizer ou estabelecer qual é o padrão do popular, porque o popular é anterior às massas, ao capitalismo imperial e à idéia de pop presa a artefatos vendáveis que temos hoje. Porque mais do que designar o que é da massa, o popular diz respeito a uma pluralidade cultural de localização esparsa, não instituída, não necessariamente mercadológica, não necessariamente folclórica, que faz circular sem regras, sem controle e sem previsão de disseminação, uma profusão de práticas, crenças e saberes não-eruditos. Popular é, portanto, aqueles fluxos da maquinaria cultural nos quais correm mitos, tradições profanas e religiosas, credices e costumes misturados à cultura de massas comercial.

Na obra de Negri e Hardt, *Império*, uma análise da sociedade de controle globalizada,⁷ as massas consumidoras que fazem passar esses fluxos populares de difícil codificação são o que os autores chamam “multidão”. Produção e consumo imperial, a multidão não se reduz “às instituições que a representam nem aos indivíduos que a constituem”.⁸ Irrepresentável, a

⁵ Bio-poder é o termo cunhado por Foucault para definir as políticas de preservação da vida e aumento da natalidade que emergem nos discursos e práticas sociais na decorrência da industrialização. Negri e Hardt partem deste conceito para definir o que chamam de bio-política de controle das populações no Império.

⁶ Em seu artigo sobre minorias e devires, o professor Hélio Rebello Cardoso Jr. define a maioria “onde o senso comum aprisionou determinadas singularidades/acontecimentos e no qual os indivíduos devem enquadrar-se através de exclusão ou submissão de outras singularidades”. In: CARDOSO JR. Conceitos onto-políticos no pensamento de Gilles Deleuze: “minorias” como “devir-minoritário” In: **Política & Trabalho**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba, n. 15, set. 1999, p. 22.

⁷ Com suas fronteiras flexíveis, o Império é “apresentado como um concerto global, sob a direção de um único maestro, um poder unitário que mantém a paz social e produz suas verdades éticas” estabelecendo um poder bio-político descentralizado, que se dá no âmbito da jurisprudência internacional operacionalizada junto às nações-estado. Cf. HARDT e NEGRI. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 28.

⁸ SILVA, A. **Elementos para uma comunicação pós-midiática**. São Leopoldo: UNISINOS. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003, p.11.

multidão é potência que subsiste ao poder. Na sociedade imperial o poder funciona como uma linha sinuosa, de cunho molar, que desliza no espaço absoluto sem exterioridade. No Império, o fora só pode ser o molecular incomensurável dentro de sua própria malha, tecido flexível composto por singularidades. Essas singularidades são as multidões, cujas forças biopolíticas constituem a única possibilidade de resistência no *spatium imperiale*. Essa resistência se faz nos devires bárbaros da minoria, multiplicidades de fluxos, de conjuntos fluidos que, potencialmente inumeráveis, escapam ao controle. Multidão de corpos e multiplicidade de povos, populações inteiras em um só corpo. Multidão de gente, multidão em cada um.⁹ As matilhas e as colméias de cada indivíduo. Popular são todos os micro-totens, tribos e bandos que animam a multidão. Pop’filosofia: filosofia para as hordas imperiais, o pensamento nômade de Deleuze. Filosofia para um povo que “não existe como algo dado”, para um conceito de popular que “precisa ser constantemente reinventado”, para uma multidão que “precisa acontecer sempre e de cada vez”.¹⁰

“Filosofia do porvir”,¹¹ filosofia para linhas de fuga. Filosofia pop, devir da multidão. Talvez seja isso que Deleuze quer dizer com conceitos sem nenhuma interpretação, sem nenhuma compreensão. Conceitos que são forças-formas sensíveis, sensoriais, sensuais, contaminadas “pelo colorido experimental da arte”.¹² É uma filosofia-náutica, surfista, que pega ondas, segue fluxos, povos. Não há pop’filosofia sem contágio de saberes, sem miscigenações de estilos, sem sincretismos, sem que se preserve uma dimensão não-filosófica nos conceitos, elementos de um plano de imanência que é pré-filosófico. Como observa Giorgio Passerone, escrevendo sobre os cursos de Deleuze, trata-se de uma filosofia dos afectos, que nos faz perguntar “de onde vem esta estranha afinidade que nos atravessa como um míssil, com tal filósofo, com tal pintor, tal músico”, que tipos de conceitos convêm para “suscitar em nós não necessariamente um tornar-se filósofo, mas tornar-se um outro da filosofia?”.¹³ Esse outro da filosofia não elege o que é e o que não é, não traz respostas, certezas sobre o mundo, mas elege o que nos alegra prestar atenção, o que é relevante,

⁹ “O povo é interior ao pensador, porque é um ‘devir-povo’, na medida em que o pensador é interior ao povo, como devir não menos ilimitado. O artista ou filósofo são bem capazes de criar um povo, só podem invocá-lo, com todas as suas forças. Um povo só pode ser criado em sofrimentos abomináveis, e tampouco pode cuidar de arte ou filosofia. Mas os livros de filosofia e as obras de arte contêm também sua soma inimaginável de sofrimento que faz pressentir o advento de um povo. Eles têm em comum resistir, resistir à morte, à servidão, ao intolerável, à vergonha, ao presente”. Cf. DELEUZE e GUATTARI. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, p. 142.

¹⁰ FEITOSA, O que é isto – filosofia *Pop?* p. 102.

¹¹ DELEUZE. Prefácio. In: NEGRI. **A anomalia selvagem**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993, p. 7.

¹² FEITOSA, O que é isto – filosofia *Pop?* p. 98.

¹³ PASSERONE. O último curso? In: ESCOBAR. **Dossier Deleuze**. Rio de Janeiro: Hólon, 1991.

interessante, o que nos coloca em devir. Geo-filosofia¹⁴: filosofia de Géia, das alianças entre suas crias, dos bandos, dos nômades, dos povos sem nação, dos animais, dos vegetais, dos minerais, dos vírus, das bactérias e dos fungos. Pensamento das individuações e dos acontecimentos. Pensamento que não pretende se afirmar como verdade. Fictícia tal qual a arte, a pop'filosofia é a afirmação do simulacro, esse falso infinito efetivado em superfícies. Criação de um plano ético-estético de partes que não se totalizam, formado por elementos heterogêneos e suas especificidades, esse pensamento se ocupa com as essências da *multitudo*, multidão imanente que, para Negri, é potência descodificadora, a “anomalia selvagem”¹⁵ do capitalismo, uma força que transgride os dispositivos de poder e deixa escapar os fluxos sobrecodificados dos aparelhos de Estado.

Traçada junto a uma multiplicidade de povos, é uma filosofia amiga dos saberes populares, cujos filósofos fazem “a sabedoria servir a novos fins, estranhos e perigosos e muito pouco sábios na verdade,” querendo que a filosofia se supere e seja superada.¹⁶ Por isso, suas criações conceituais servem a todos os domínios: artes, ciências, literatura, política. As linhas errantes que perpassam a criação de conceitos proliferam como rizomas, bifurcam para outros planos, para outros reinos, entram em territórios estrangeiros, criam um livro anticultural que ativa as rupturas imperceptíveis das micro-revoluções. É na constituição de agenciamentos com o fora que surge a fórmula de Deleuze e Guattari: “RIZOMÁTICA =POP'ANÁLISE”¹⁷ para afirmar a cartografia (mapa como modelo diagramático), o nomadismo, o subdesenvolvimento e o esquecimento, numa espécie de manifesto contra o *logos*, o peso do saber, o enfadonho das imagens interiorizadas, da ordem arborescente do mundo e suas filiações.

Além do pop, o plano rizomático de Deleuze e Guattari também apresenta aspectos críticos. A crítica esquizo-analítica se metamorfoseia em práxis, uma micro-política de resistência posicionada na minoridade dos devires. Crítica que afirma sua potência criando estilo, como bem demonstra a escritura revolucionária de *O anti-Édipo* e *Mil Platôs*. Pop'análise=contra-cultura. Uma filosofia que se elabora “nas cidades e nas ruas”, lugares onde se conjuga o povo, e que inclui o *factício* existente nelas. Trata-se de fatos que perpetuam o restabelecimento da ordem, fluxos que funcionam como correção das

¹⁴ DELEUZE e GUATTARI. **O que é a filosofia?** Nesse caso, corrompe-se a regra gramatical em relação ao prefixo Geo devido a livre interpretação dada pelos tradutores das primeiras edições brasileiras.

¹⁵ Termo criado por Negri no desenvolvimento de seu conceito de potência política baseado em Spinoza. Cf. NEGRI. **A anomalia selvagem**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

¹⁶ DELEUZE. **Nietzsche e a filosofia**. Editora Rio, 1976, p. 5.

¹⁷ DELEUZE e GUATTARI. **Mil platôs 1**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995, p. 36.

divergências primeiras sobre as quais se criam as culturas. A estratégia deleuziana é fazer do *factício*, que é cópia de um modelo, uma cópia da cópia, de modo que mude de natureza e vire um simulacro. Tal processo Deleuze indica como “momento da *Pop’Art*”,¹⁸ mas é a tática que usa em sua crítica. Fazer com que as cópias copiem a si mesmas, simulem a si mesmas e afirmem a dessemelhança interiorizada do outro, além de transformar a crítica numa atitude, é a reversão do platonismo feita por Deleuze. Sua filosofia nos convida a assumir um ponto de vista diferencial, incluído em si mesmo, dentro do qual a lógica do observador “se deforma”¹⁹ e os ícones se transformam em devires. Mais do que fazer uma crítica à metafísica e ao espiritualismo platônico, o plano deleuzo-guattariano abre a caverna oceânica de Proteu, deus que troca de forma e “que se imiscui e se insinua por toda parte”²⁰ para realizar uma pragmática do devir. Em *Lógica do sentido*, o devir aparece como a força centrífuga dos simulacros, potência que faz tudo desemparelhar, as séries divergirem e as dessimetrias puxarem para dois sentidos ao mesmo tempo. Embora seja sempre o mesmo, o devir faz fulgurar individualizações singulares que acontecem em variações de um mínimo de tempo pensável e menor que um mínimo de tempo sensível, tempo ínfimo em que o simulacro deixa escapar à superfície as dessemelhanças de um presente que sempre se furta. Imperceptível, o simulacro só pode ser provado num mínimo de tempo sensível, durante o qual, numa rápida somatória e sucessão, se constitui como imagem. O que se subtrai da imagem é o devir. Trata-se de um processo de desterritorialização contínua, unívoca e essencial, do caos que cria e povoa o pensamento com fantasmas, assombrações, paixões, marcas da involução, acontecimentos que animam a superfície. Os simulacros se convertem no próprio plano de imanência e nas imagens sucessivas, que repetem e diferem no decorrer do traçado do plano. Consistência virtual que, seguindo a crítica socrática feita por Nietzsche, afirma a aparência absoluta.

Filosofia da Diferença=Pop’filosofia.

Afirmar a aparência absoluta, a preponderância dos efeitos pelos quais o imperceptível é expresso, não esgota o projeto crítico anti-platônico. A crítica é necessária para constatar os modos pelos quais os conceitos se transformam, aumentam sua potência ou se esvaem. Criticar é uma criação que resiste às filosofias da similitude e suas operações dialéticas analógicas, mas, acima de tudo, é combater as ilusões que envolvem o plano e que criam o

¹⁸ Deleuze nega que a filosofia intempestiva possa ser elaborada em “grandes bosques e veredas”, territórios de culto. Embora nada seja indicado no texto, talvez faça alusão a Heidegger e seu conceito de Ser/Ente. Cf. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 271.

¹⁹ DELEUZE. **Lógica do sentido**, p. 264.

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 261.

que Deleuze chama “imagens dogmáticas de pensamento”²¹. As imagens a serem derrubadas são aquelas que criam uma ilusão de transcendência: as idéias de teor platônico que são tomadas como Universais (que fazem da filosofia mera contemplação) e suas verdades metafísicas acreditadas perpétuas (que restringem a atividade criadora da filosofia à reflexão). No entanto, essas ilusões transcendentais e seu enciclopedismo conceitual fazem parte dos movimentos dos conceitos e ainda pertencem ao plano de imanência pop’filosófico, embora servindo a outros fins, não transcendentais ou ideais. A pior ilusão de todas, aquela que deve ser estrategicamente combatida, é a “circulação estereotipada das opiniões dominantes”²² estabelecida pela palavra de ordem dos discursos, dentro do qual os conceitos acabam confundidos com proposições. O conceito, que durante toda a História da Filosofia foi adulterado para representações coletivas ou “concepções de mundo criadas pelos povos”,²³ acaba apresentando as quinquilharias de uma sociedade de serviços e suas técnicas de *marketing* e produção. A ilusão de discursividade, que produz consensos sobre afectos já conhecidos (a calamitosa confusão da filosofia com a comunicação) é o desastre absoluto, uma vergonha para a filosofia, pois esses “conceitos”, ocupados com “a formação profissional comercial”²⁴ e com as lutas de poder pela imposição da opinião, jamais nos forçarão a pensar.

Se, para Deleuze, só pensamos no devir, pensar é um acontecimento singular, imperceptível, acontecimento de um tempo menor que um mínimo de tempo pensável. O lugar do pensamento é o devir das minorias, micro-agenciamentos entre ínfimos elementos e indivíduos, de modo que pensar só é possível com o povo. Quando o devir se reterritorializa em representações molares e o povo é codificado, identificado em x ou y, o pensamento passa a servir a direitos pessoais, empresariais ou estatais, a garantir os bens, a preservar propriedades. Os valores decaem e a criação de conceitos subsume-se aos ideais e a opiniões do “pensamento-para-o-mercado”.²⁵ No Império da Comunicação, o pensar vira palpito sobre os movimentos do mercado universal imanente ao capitalismo, deixa de ser pensamento e estratifica-se em opinião:

Os direitos do homem não nos farão abençoar o capitalismo. É preciso muita inocência, ou safadeza, a uma filosofia da comunicação que pretende restaurar a sociedade de amigos ou mesmo de sábios, formando uma opinião universal como ‘consenso’ capaz de moralizar as nações, os Estados e o mercado.²⁶

²¹ Cf. Capítulo 3, “A imagem do pensamento” em **Diferença e repetição**.

²² DELEUZE e GUATTARI. **O que é a filosofia?** p. 67.

²³ Idem, *ibidem*, p. 19.

²⁴ Idem, *ibidem*, p. 21.

²⁵ **O que é a filosofia?** p.140.

²⁶ Idem, *ibidem*, p.139

Em nome da integridade dos corpos e da segurança das propriedades, não há estado de Direito ou opinião pública que faça com que os Estados democráticos atirem contra a miséria quando essa escapa do controle. Monstruosidades e instabilidades pertencem à descodificação de fluxos que constitui a própria axiomática do capitalismo. Esse axioma, cujo modelo de realização são as nações-Estado, completa-se com a emergência de um dispositivo jurídico que tenta reterritorializar as anomalias sob o jugo de sanções e leis sobrecodificadoras. Por isso, dentro do Império, a justiça é insuflada pelo poder policial. A sociedade de controle opera na vigilância e no policiamento, armas dos Estados feitas para conter a miséria em territórios especiais, guetos, prisões, hordas de excluídos e não-garantidos que fazem funcionar o axioma capitalista. O que a geo-filosofia mostra é que a agilidade e a atualidade das opiniões são inócuas para o que diz respeito aos problemas da multidão. As opiniões não passam de bombardeios, fachos do senso comum sobre as urgências do campo social imperial e seu corrupto *modus operandi*. Degenerada, a paisagem existencial imperial é cheia de lixões: carências materiais, degradação física, encarceramentos morais, restrições territoriais, endurecimento das trocas afetivas, embotamento das percepções e privações estéticas de toda natureza, que acabam por estancar o devir. Além da voracidade do mercado, a corrupção do Império é também a miséria dos universos de referência²⁷ que o “bicho-papão” capitalista defeca. Trata-se de universos presos ao que Guattari chama “mass-midialização embrutecedora”,²⁸ processo que impede a efervescência virtual do pensamento e a criação de novas constelações existenciais. Movida por um mercado dos desejos restrito às formas estratificadas desses universos, a mídia e suas cadeias de comunicação centralizam o controle bio-político dentro do Império, funcionando como um “dispositivo de produção de medo”,²⁹ o qual contém a multidão e reterritorializa seus fluxos em segmentos sociais de produção e distribuição, em prestação de serviços e propagação de informações para atingir as massas consumidoras e o eleitorado.

O povo cai nas garras da lei e as vidas caem nas malhas do Império e sua sistemática de controle. Registros, certificados, certidões, cadastros, contratos, códigos, convenções, estatutos, normas técnicas e ritualísticas, procedimentos institucionais, enfim, todo um aparato

²⁷ Expressão usada por Guattari para designar traços visíveis e enunciáveis que se estratificam em modos de vida. “Um Universo de referência é um enunciador que pode ser descrito como uma potência divina, como uma idéia platônica, pelo ato de pôr em jogo um sistema de valorização. Com ele, há polarização da maquina da subjetividade, cristalização de uma opção pragmática. A textura de um tal Universo de subjetivação é hipercomplexa, já que pode categorizar componentes ontológicos como os das matemáticas, das artes plásticas, da música, das problemáticas políticas” Cf. GUATTARI. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1998, p. 77.

²⁸ GUATTARI. *Caosmose*, p. 15-16.

²⁹ SILVA. *Elementos para uma comunicação pós-midiática*, p. 12.

jurídico-administrativo a serviço do capitalismo: maquinaria da megalópole imperial. Cidade onde “os grandes pensamentos são refogados vivos e cozidos picadinhos”³⁰ e o espírito transformado em jogo de palavras para fazer tilintar o ouro da venda de jornais, como dizia o louco que imitava Zaratustra, macaqueando o sábio.

O fato é que ainda não foi inventada uma opinião (aliás, opinião não se inventa, apenas se propaga) que aplaque as durezas da vida, que acabe com o tédio, atenuie o estresse do constante assujeitamento burocrático, dissipe a tristeza, diminua a insuficiência das porcarias ingeridas e termine com a vergonha pelo extermínio justificado. Herdeira das ilusões metafísicas, a comunicação mercadológica descarta a matéria com muita facilidade, de modo que cria muitos e muitos despojos, poluição visual e atulhamento de informações. Estimula a produção de artefatos que, nem bem são usados, já viram restos para alimentar o lixo. Sucata que, cada vez mais, tem servido como fonte de subsistência para as tribos sem garantias dentro do Império. Todavia, uma filosofia pop, mesmo que exerça a crítica das opiniões e a resistência aos focos descentrados do poder imperial, não é uma filosofia ocupada com o que urge nas malhas da sociedade de controle, como por exemplo “a clonagem dos seres humanos; a onipresença do computador, a destruição maciça da natureza; a má qualidade dos programas de TV”, tal qual é colocado por Charles Feitosa.³¹ Embora “pop” possa ser entendido como o que está na moda, o que é atual, urgente, a pop’filosofia pensa problemas essenciais, extemporâneos, que envolvem as singularidades dos povos e as intensidades da vida. Zaratustra é o grande personagem pop. Ensina a seu macaco, o louco da cidade, que se deve *passar além* daquilo que não podemos mais amar. Zaratustra nos manda ir para as ilhas verdes e para as florestas, quando não se agüenta mais a náusea das grandes cidades. Não é preciso ficar comunicando desgraças, e, sim criar um novo modo de vida, cheio de graça, alegria. Perante o excesso de opiniões e a crença generalizada na comunicação, “falta criação”,³² observaram Deleuze e Guattari.

Somente a arte subverte a opinião, aprofunda-a e a substitui pelo conceito;³³ afinal, a arte é atividade criadora em sua essência. Daí sua extrema importância para a pop’filosofia, pois, é por meio da arte, que acontece a metamorfose do *factício*. Com arte e filosofia, as questões urgentes da atualidade são pensadas na dimensão essencial dos problemas que apresentam. A arte produz culturas abertas aos signos sensíveis, junto aos quais se aprende

³⁰ NIETZSCHE. Do passar além. In: _____. **Assim falou Zaratrusta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

³¹ FEITOSA. O que é isto – filosofia *Pop?* p. 97.

³² DELEUZE e GUATTARI. **O que é a filosofia?** p. 140.

³³ Idem, *ibidem*, p. 195.

uma outra maneira de lidar com fluxos descodificados, não mais sobre uma relação de usura e mais-valia e sim criando uma composição ético-estética. Essa proposição é apresentada por Alexandre Rocha da Silva que, junto à semiótica e às três ecologias de Guattari, pesquisa uma estética midiática composta por signos que ainda não viraram códigos.³⁴ Signos que fulguram na multidão, nos devires minoritários³⁵ que procuram escapar às malhas do Império: devir-moleque, devir-candomblé, devir-exu, devir-travesti, devir-negro, devir-índio, devir-milonga, devir-bolacha, devir-feijão, devir-erva, devir-daime, devir-purpurina... Substituir o barulho da informação pelo silêncio da sensação. Nada para compreender... nada para interpretar... encarnar nos conceitos, extrair-lhes o devir. Conceitos que se transformam em perceptos³⁶ e blocos de sensações que criam conceitos: esse é o movimento que cria o pensar. Não é querer crescer e acumular, possuir, apropriar-se, nem conservar regras gerais. Tampouco fazer do devir uma regra universal,³⁷ mesmo que o devir seja pura torrente caótica. A micropolítica do devir assume a “cao-errância”³⁸ e leva “ao absoluto a desterritorialização relativa ao capital”, pois suprime seu limite interior fazendo passar pelo movimento infinito, molecular, “*voltando-o contra si, para chamá-lo a uma nova terra, a um novo povo*”.³⁹ Um novo modo de vida, a transvalorização de Nietzsche: uma arte de si, a ética dobrada em estética de Foucault. Pop’filosofia: banalidade de um pensamento que cria e inventa uma vida.

Uma vida simples. Uma criança soprando velas sobre um bolo. Uma vaca pastando. Uma rosa no vaso. Uma casa na montanha. Um passarinho no galho de uma árvore. Uma praia na alvorada. Um céu noturno cheio de estrelas. Um cartão escrito “eu te amo”. Um abraço. Uma mãe com o filho no colo. Um homem sofrendo pregado em uma cruz. Um corpo saindo de um sepulcro. Uma explosão. Uma águia e uma serpente. Um herói metálico e celeste lutando com um monstro telúrico e obscuro. Um rosto. Uma mão. Um copo de água com açúcar. Um livro. Um ovo que se parte.

Lugares-comuns, imagens pop, clichês. Imagens sem idéias, que pouco servem para elaborar abstrações. Qual seria o “modelo ideal” do açúcar se dissolvendo na água, da vaca

³⁴ SILVA. **Elementos para uma comunicação pós-midiática**, p. 127.

³⁵ “Os devires minoritários constituem as matérias-força das comunicações pós-midiáticas, cuja efetuação estabelece um tensionamento entre a potência desses devires e os poderes matérias-formas do Império”. *Supra*, p. 141.

³⁶ Perceptos são equivalentes aos conceitos no plano de composição da arte, constituem-se por blocos de sensações que extraem virtualidades da matéria extensa percebida.

³⁷ Para Hélio Cardoso Jr., a molecularidade do devir é um devir-universal, enquanto que a maioria representa apenas um estado determinado de aprisionamento de singularidades/acontecimentos, criando a ilusão de sua universalidade ao colocar-se como representante de uma vontade, de um poder”. Cf. CARDOSO JR. *Conceitos onto-políticos no pensamento de Gilles Deleuze: “minoria” como “devir-minoritário”*, p. 23.

³⁸ DELEUZE. **Lógica do sentido**, p. 270.

³⁹ DELEUZE e GUATTARI, **O que é a filosofia?** p.129. (Grifo dos autores).

pastando, do ovo partindo? Por que seriam cópias degradadas se o impacto que produzem é transcendental? A pop'filosofia não se importa com as abstrações transcendentais e seus ilusórios valores “espirituais”. A única transcendência está no ser da sensação, *sensibilia* que insufla certas imagens, coisas banais e experiências corriqueiras. Manifestação da vontade de potência,⁴⁰ o devir sensível impressiona muito mais do que as idéias. Ao contrário das verdades idealizadas e dos valores abstratos, mesmo que se repitam, as sensações nunca serão as mesmas. É por meio delas que aprendemos a única verdade essencial que existe no mundo: sempre o mesmo, contudo diferente. É muito simples; tão óbvio que chega a ser uma bobagem.⁴¹

Somente uma filosofia muito popular para afirmar como única essência esse ensinamento tão pequeno. Popular que, nas três primeiras definições do “amansa burro” mais comum na vida estudantil dos brasileiros, é (1) o que feito para o povo, (2) próprio para o povo, (3) agradável ao povo e que tem as simpatias dele.⁴² Sem dúvida, uma filosofia pouco douta, visto que, ao invés de tratados filosóficos e obras consagradas, parece que requer dicionários, cujo trabalho coletivo com as palavras recria completamente o léxico, como foi o caso do verbete “popular”. Esse, no recente dicionário idealizado pelo enciclopedista Antônio Houaiss, só coaduna com a definição do dicionário *Aurélio* na quarta e quintas designações, sendo que nessa, popular também é “famoso”(5). As cinco definições seguintes do dicionário *Houaiss* parecem ter sido retiradas de um texto de Teoria Crítica (consumidores, baixo nível estético, preços ao alcance do povo, acomodações baratas), enfim, o popular (6) “prevalece junto ao grande público, especialmente às massas menos instruídas”. Mais uma vez, entre o douto e o pop (alguém discorda que o *Aurélio* não seja pop?), o último sai na frente, deixando o popular (5) “vulgar, trivial, ordinário; plebeu” para sua penúltima definição.⁴³ Terminamos com o popular que é o “homem do povo”, um “anônimo”⁴⁴ na multidão, porque interessa ao plano geo-filosófico a dimensão impessoal do popular. Impessoal, junto com o indiscernível e o imperceptível, são as qualidades do devir.

⁴⁰ DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*, p. 52.

⁴¹ *Nada do que foi será/De novo do jeito que já foi um dia/Tudo passa/Tudo sempre passará /A vida vem em ondas/Num indo e vindo infinito*, diz a canção pop de Lulu Santos.

⁴² FERREIRA. *Novo dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.1365.

⁴³ Essa aparece antes de (4) “democrático”, que é a similar a última definição do **Houaiss** (12) “partidários do povo, democratas”.

⁴⁴ Sexta e última definição de “popular” no **Aurélio** e décima primeira definição do **Houaiss**, que inclui o adjetivo “anônimo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO JR. Conceitos onto-políticos no pensamento de Gilles Deleuze: “minoria” como “devir-minoritário”. **Política & Trabalho**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba, n. 15, set. 1999, p.

DELEUZE. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

_____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DELEUZE e GUATTARI. **Mil platôs 1**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

_____. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34,

DELEUZE e PARNET. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FEITOSA. O que é isto – filosofia *Pop*? In: LINS (Org.). **Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001

FERREIRA. **Novo dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GUATTARI. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

HARDT; NEGRI. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HOUAISS e VILLAR. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NIETZSCHE. Do passar além. In: _____. **Assim falou Zaratrusta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

NEGRI. **A anomalia selvagem**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

PASSERONE. O último curso? In: ESCOBAR. **Dossier Deleuze**. Rio de Janeiro: Hólon, 1991.

SILVA, A. **Elementos para uma comunicação pós-midiática**. São Leopoldo: UNISINOS. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.